



Não Queira
Ser Oito
XII SEMANA
UNIVERSITÁRIA

**Diversidade,
Inclusão e
Transformação Social**

“QUEM PODE ENVELHECER NO BRASIL?”: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL ACERCA DO ENVELHECIMENTO DE MULHERES NEGRAS NA CIDADE DE FORTALEZA-CE.

Ana Luiza Coelho Pessoa¹
Vera Rodrigues²

RESUMO

A presente pesquisa objetiva a análise do processo de envelhecimento entre mulheres negras idosas atendidas pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, ofertado através do CRAS - Centros de Referência de Assistência Social na cidade de Fortaleza/CE, sob uma ótica interseccional. Inspirada por teóricas como Patrícia Hill Collins, a investigação compreende que as opressões vivenciadas por mulheres negras não atuam de forma independente, mas se articulam e se sobrepõem, funcionando de maneira unificada e produzindo experiências específicas de desigualdade. Nesse sentido, o envelhecimento também se insere nesse cenário, de modo que, ao envelhecer, essas mulheres vivenciam não apenas os efeitos das dominações de raça, gênero e classe, mas também as desigualdades relacionadas à própria condição de envelhecer. Nesse contexto, as contribuições de Guita Grin Debert permitem compreender a velhice não somente como um problema social e político, caracterizada por perdas, dependência e limitações. Deve ser tratada como uma realidade social vivenciada por uma parcela significativa da população no país, cuja experiência não é homogênea. No caso das mulheres negras, é possível observar que apresentam um envelhecimento elevado, comparado a homens negros. Estudo realizado pelo Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social (IMDS), em parceria com pesquisadores do Cedeplar/UFGM, estima que mulheres brancas apresentam expectativa de vida de 79,9 anos, enquanto mulheres negras alcançam 76,01 anos. Entre os homens, a diferença também é significativa: 74,52 anos para homens brancos e 68,65 anos para homens negros. Esses dados evidenciam que as possibilidades de viver e envelhecer são atravessadas por desigualdades raciais e de gênero. Autoras como Lélia Gonzalez contribuem para compreender, a partir do feminismo negro, a relação entre racismo estrutural e a dupla opressão vivenciada pelas mulheres negras no Brasil, enquanto Myriam Lins de Barros contribui para a compreensão das experiências sociais relacionadas ao envelhecimento. A pesquisa, vinculada à grande área de conhecimento do CNPq de Ciências Humanas, com uma abordagem quanti-qualitativa, será realizada através do levantamento de dados estatísticos, pesquisas bibliográficas e de campo. O trabalho analisa essa desigualdade comparando o cenário nacional, regional e local. No âmbito prático, a análise envolve um mapeamento dos CRAS em Fortaleza para identificar a efetividade do apoio a essas idosas no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. O objetivo é evidenciar como o racismo dentro da periferia e a intersecção entre raça e gênero resultam em um envelhecimento desigual. Com isso, conclui-se que pesquisar é acima de tudo relatar as experiências de envelhecimento de mulheres negras, permitindo vivenciar desigualdades sociais que acontecem nas periferias e verificar se de fato as políticas públicas estão chegando até essas mulheres de uma forma inclusiva. Nesse sentido, o estudo dialoga com a temática do evento ao contribuir para a reflexão sobre diversidade, inclusão e transformação social. Agradeço à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), pelo apoio institucional e à minha orientadora Vera Rodrigues, pela orientação e pelas contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa.

Palavras-chave: interseccionalidade; envelhecimento; raça; gênero.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Ceará, Discente, analuiza@aluno.unilab.edu.br¹
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Ceará, Docente, vera.rodrigues@unilab.edu.br²